

O LUGAR E SUAS ESSÊNCIAS: ALGUMAS ABORDAGENS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

THE PLACE AND ITS ESSENCES: SOME APPROACHES IN BASIC EDUCATION.

Rosangela Patricia de Sousa Moreira

IFBA – Brasil

E-mail: geo.pmoreira@gmail.com

Claudia Moreira de Sousa Pires

UNEB – Brasil

E-mail: elcau2002@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma reflexão teórica acerca do conceito de lugar enquanto ponto de partida para a compreensão do espaço geográfico. A partir desse entendimento, buscou-se pensar nas práticas pedagógicas docentes desenvolvidas na educação básica que se utilizam do conceito de lugar, mediante uma abordagem humanística. Para a construção desse artigo observou-se a prática pedagógica desenvolvida na disciplina de geografia, no IFBA *Campus* Valença, no período de 2014 a 2016, bem como o referencial teórico que discute o conceito de lugar. As reflexões que surgiram dessa pesquisa é que o ensino de geografia fundamentado na abordagem humanística no contexto da educação básica permite a instrumentalização dos sujeitos sociais para uma leitura profícua e significativa do seu lugar-mundo, percebendo-o como vivo e cheio de significado, para além da racionalidade técnica descritiva.

PALAVRAS- CHAVE: Ensino de Geografia. Diversas linguagens. Educação básica.

Lugar.

ABSTRACT

The present work deals with a theoretical reflection about the concept of place as a starting point for the understanding of the geographic space. Based on this understanding, we tried to think of the teaching pedagogical practices developed in basic education that use the concept of place, through a humanistic approach. For the construction of this article we observed the pedagogical practice developed in the geography discipline, at the IFBA *Campus* Valença, from 2014 to 2016, as well as the theoretical reference that discusses the concept of place. The reflections that emerged from this research is that the teaching of geography based on the humanistic approach in the context of basic education allows the instrumentalization of social subjects for a fruitful and meaningful reading of their place-world, perceiving it as alive and full of meaning, to besides the descriptive technical rationality.

KEYWORDS: Teaching Geography. Several languages. Basic education. Place.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de geografia na atualidade deve instrumentalizar os sujeitos sociais para a leitura e compreensão do espaço geográfico em sua essência, buscando descortinar o significado dos sistemas de objetos e ações, que dão significado ao lugar. Para essa reflexão se irá utilizar-se da geografia cultural, que se interessa pelo fazer das diversas comunidades nos variados espaços do planeta, e que, por conseguinte imprimem as expressões que lhes são características. Essa abordagem ganhou notoriedade no Brasil a partir de 1990, com os estudos sobre o espaço vivido, e a diversidade de lugares e o modo como eles são percebidos e valorizados (CASTRO, 2012).

A proposta que se desenha nesse trabalho é inicialmente uma reflexão teórica sobre o conceito de lugar, enquanto ponto de partida para a compreensão do espaço geográfico, bem como, o entendimento do lugar enquanto elemento que significa e oferece sentido ao espaço geográfico, visto que é nele que os sujeitos criam sistemas simbólicos materiais e imateriais e determinam os aspectos geográficos. A partir desse entendimento, buscou-se pensar nas práticas pedagógicas docentes desenvolvidas na educação básica que se utilizam do conceito de lugar, mediante uma abordagem humanística.

Para a construção desse artigo observou-se a prática pedagógica desenvolvida na disciplina de geografia, no IFBA *Campus* Valença, no período de 2014 a 2016. Assim, mediante as práticas desenvolvidas durante as aulas de geografia observou-se que o processo de aprendizagem do conhecimento geográfico é mediado pela utilização das diversas linguagens e da educação geográfica através da utilização de músicas, filmes, documentários, bem como a análise do espaço vivido dos sujeitos sociais, e outras formas de trabalho com a questão cultural no ensino de geografia, os quais instrumentaliza as pessoas para uma melhor leitura do seu lugar mundo.

2. O LUGAR ENQUANTO CATEGORIA DE ANÁLISE PARA COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

A compreensão do espaço geográfico na atualidade perpassa por dimensões que não podem ser invisibilizadas, no que concerne a leituras das formas-conteúdos que o espaço vai assumindo ao longo dos tempos, pois essas aparências- essências apontam para uma dinâmica cultural, em que os sujeitos sociais se significam e fazem do espaço o seu lugar-mundo. Para essa leitura dos significados que os lugares adquirem na atualidade, é essencial voltar o olhar para a geografia cultural, que instrumentaliza a leitura para um olhar das paisagens culturais, que valoriza os sujeitos e as ações empreendidas na elaboração das paisagens. Para essa construção teórica utilizaremos como referencial Santos (1999), Certeau (2008), Tuan (1980), Correa (2007), dentre outros, que refletem os conceitos de espaço, lugar e a própria geografia cultural. Com essa construção teórica busca-se viabilizar o conceito de lugar para a compreensão e leitura do espaço.

O espaço geográfico é o lócus da vida por excelência, que se materializa enquanto um híbrido que conjuga objetos e ações. Sendo esse sistema, as leituras pelo viés da dualidade não conseguem dar conta da complexidade desse objeto. O espaço geográfico, contraditório em essência, cria contrassensos que manifestam os valores, que organizam novos espaços a partir da reorganização da sociedade inteira. Assim, a geografia precisa dar conta do espaço enquanto dialética, que se constrói e reconstrói a todo instante nas mais diversas nuances, em que os sujeitos se criam e recriam, num espaço que se manifesta cheio de significados, pois os objetos que aparecem nas paisagens surgem carregados de intencionalidades, que apontam para o lugar- mundo dos sujeitos que nele habitam.

Significar o espaço é compreendê-lo a partir das diversas leituras que os sujeitos sociais têm dos lugares, essa percepção não pode ser realizada a partir da visão racional, descritiva, sendo necessário um mergulho na essência e nas entrelinhas, nas formas e nas ações, visto que para as pessoas que vivem nos lugares, esses espaços se apresentam cheios de vida e sentido. Essa imersão no espaço geográfico não ocorre despida de significados, mais segundo Carlos (2002), ela considera que no lugar emerge a vida, visto que é aí que ocorre a unidade da vida social. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, tendo em vista que o lugar tem usos e sentidos em si. Tem a dimensão da vida, permitindo que o ato de produção revele o sujeito. A estruturação e a organização do espaço permitem um conhecimento da essência do lugar, que reflete a cultura em suas mais variadas faces, seja nas suas formas e até mesmo em suas funções.

Para atender essa demanda de leitura do lugar-mundo a ciência geográfica se utiliza da geografia humanista/cultural que segundo Corrêa (2007) não está preocupada em explicar o funcionamento interno da cultura, nem em descrever totalmente os padrões de comportamento humano, mesmo quando eles alteram a base natural da superfície do planeta, mas se propõe em avaliar o potencial técnico de comunidades humanas para usar e modificar seus habitats.

Utilizar a geografia cultural e o conceito de lugar para compreender o espaço geográfico é perceber o espaço enquanto um mosaico em que o saber-fazer dos sujeitos se inscreve na paisagem e permite que esses lugares falem de si, e sobre si, que como afirma Correa (2007), qualquer sinal da ação humana numa paisagem implica uma cultura, demanda uma história e exige uma interpretação ecológica. Esse autor reflete que a história de qualquer povo evoca a sua fixação numa paisagem, seus problemas ecológicos e concomitantes culturais e nos leva a perceber que o arranjo como os objetos estão postos espacialmente encadeiam uma lógica, e um emaranhado de ações que apontam para uma cultura inscrita no espaço, que deixa marcas diversas inscritas na superfície do planeta.

Cabe aqui pontuar que a geografia cultural para dar conta dessas nuances todas que se desenvolvem e se comunicam no lugar, não é a mesma abordagem cultural do século de XIX, que segundo Claval (2001) ela analisava o espaço a partir de sua tradução material, ou seja por meio dos artefatos criados. Já na abordagem atual a geografia cultural dar aos estudos dos fenômenos uma reflexão dinâmica dos lugares considerando que os comportamentos humanos não são universais, mas eles dependem das crenças filosóficas, dos valores e das religiões.

Assim a geografia cultural experimenta uma completa transformação a partir de 1970 com a constatação significativa, de que a forma como as sociedades se organizam, a vida dos sujeitos, bem como as atividades econômicas desenvolvidas pelas pessoas apontam para um emaranhado de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informações e ideias. Portanto como propõe Pires (2006) a produção do espaço tem uma dimensão psicológica e sociopsicológica, o que perpassa por considerar que o que pensamos, as nossas emoções, sonhos e desejos, vivências e experiências acabam por imprimir marcas no espaço geográfico.

A geografia cultural consegue romper com a geografia descritiva, e realiza um movimento em que questiona os sujeitos sobre a experiência daquilo que os envolve, sobre o sentido que dão a sua existência, e, por conseguinte, também significa as paisagens e ratifica suas cognições, personalidades, convicções e amores.

Esses objetos não têm por si mesmos uma história, nem uma geografia. Tomados isoladamente em sua realidade corpórea, aparecem como portadores de diversas histórias individuais, a começar pela história de sua produção intelectual, fruto da imaginação científica do laboratório ou da imaginação intuitiva da experiência. Mas sua existência histórica depende de sua inserção numa série de eventos - uma ordem vertical - e sua existência geográfica é dada pelas relações sociais a que o objeto se subordina, e que determinam as relações técnicas ou de vizinhança mantidas com outros objetos - uma ordem horizontal. Sua significação é sempre relativa. (SANTOS, 1997, p.64)

Compreender o lugar enquanto categoria de análise que permite a compreensão do espaço, o inserir em um sistema de ações e objetos, carregados de uma intencionalidade e valoração em que os sujeitos não só se identificam, mais se definem, em que tão logo como afirma Oliveira (2014), o lugar é segurança e o espaço liberdade, ou ainda o espaço é movimento e o lugar pausa, portanto, esse autor reflete que o espaço é mais abstrato e o lugar mais concreto. Depreende-se com isso que o lugar é carregado de significado para os sujeitos que nele se vivem e se experimentam.

Aqui se observa que o lugar, manifesta uma forma conteúdo, que pode ser observado na paisagem, e a depender das circunstâncias ele pode ser modificado, adquirindo novas formas e conteúdos. O espaço enquanto formas mais o conteúdo que os vivifica, e esse conteúdo é carregado da cultura dos sujeitos, da cognoscibilidade, da maneira como se ama e odeia, pois as práticas sociais vão se criando e recriando a partir do cotidiano, no lugar.

A proposta nesse momento é pensar como o espaço torna-se lugar, e desta maneira consegue refletir o seu sentido na geografia. Oliveira (2014) nos permite refletir que as dimensões significativas do lugar, que consiste no significado que o lugar adquire para os sujeitos, elas são pensadas no sentido geográfico a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações. São as vivências e experiências, intimidades que são guardadas e carregadas por cada um de nós.

Para Tuan (1980) o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma as nossas alegrias e ideias,

Ensino em Foco, Salvador, v. 2, n. 5, p. 46-60, set. 2019.

de maneira que o que nós decidimos valorizar, significar, coincide com nossos temperamentos individuais, dos propósitos e das forças culturais que atuam em um dado momento.

Quando se propõe compreender o lugar para uma melhor inteligibilidade do espaço, o caminho que se desenha é do descortinar não somente os conteúdos que as formas adquirem, mais perceber a cultura e as práticas sociais que se imprimem na paisagem em um dado momento, e que permite uma imersão na forma como os sujeitos significam seus espaços. Tão logo, os lugares expressam acerca dos relacionamentos que nele se desenrolam.

Ao significar os espaços está se apontando para formas- conteúdo que vão além dos aspectos econômicos, sociais, políticos e para uma lógica que transcende a racionalidade técnica impessoal, visto que os espaços são construídos por sujeitos sociais que trazem em sim histórias, jeitos de amar e de se relacionar com o outro e com seu lugar- mundo.

Gostamos de pensar o lugar enquanto local carregado de vida, em que ausências se fazem presenças, no imaginário dos sujeitos que neles se experimentam e apresentam sensações ora de apego, e de intimidade e aí sigo pensando,

Os lugares são histórias fragmentadas e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempo empilhados que podem desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (CERTEAU, 2008, p. 189)

Quando se pensa em compreender o lugar, o que se propõe é fazer com que os sujeitos sociais possam ser empoderados por meio da ação de compreender as formas que apontam para imaginários dos sujeitos que se produzem e reproduzem os espaços, que compõem as diversas sociedades, no movimento em que as pessoas vão a todo instante significando e se ressignificando, como Certeau (2008, p. 189) nos enuncia que “[...] só há lugar quando frequentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode “evocar” ou não”.

O espírito que se evoca nos lugares consegue dar aos espaços o caráter e a significância da intimidade.

Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. (...) Os momentos íntimos são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e que nos deixam vulneráveis, expostos a carícia e ao estímulo de nova experiência. (TUAN, 1983, p. 152)

A intimidade com o espaço de vivência é notória nas relações cotidianas, no relacionamento entre as pessoas da comunidade, nos laços de afetividade, nos saudosismos. Pires (2006), nos leva a refletir que quando se estuda as paisagens humanas, buscando uma compreensão do significado desse lugar, está se comprometendo a quebrar com a visão racional da

análise, visto que para as pessoas que vivem aquele lugar, a paisagem diz respeito à vida e seu sentindo.

Quando se imerge no espaço geográfico, esse processo não é despido de significados, mas como enuncia Carlos (1999), ela considera que no lugar emerge a vida, onde se dá unidade e sentido à vida social, em que cada sujeito se situa num espaço concreto e real, onde se reconhece ou se perde, usufrui e transforma, ou seja, o lugar tem usos e sentidos em si. Assim, quando se investiga a organização espacial, imergindo na essência do lugar, vai assim se deparar com a cultura em suas mais diversas faces, seja nas suas formas e até mesmo em suas funções.

3. EXPERIENCIANDO O LUGAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PROPOSIÇÕES.

No momento atual a geografia precisa ter funcionalidade e significância na educação básica, no sentido de empoderar os sujeitos sociais para uma compreensão e significação do espaço geográfico. Acreditamos que a geografia que consegue instrumentalizar os sujeitos sociais para a leitura do seu lugar - mundo, e para a transformação das "conveniências" que se inscrevem nas paisagens, as quais não são neutras, se constitui não somente como ciência, ou componente curricular, mas como instrumento de guerra em prol de uma desalienação, para a construção de um lugar mundo mais solidário.

A Geografia estuda o lugar em que esses meninos e meninas riem, brincam, choram, dormem, estudam, passeiam e que assim, precisa descortinar os lugares em suas mais diversas escalas, bem como, capacitar esses sujeitos sociais para significar o seu lugar.

O conceito de lugar bem como o de paisagem são bastante utilizados na abordagem da geografia cultural, que não se depreende no funcionamento interno da cultura, mas em avaliar o potencial técnico das comunidades humanas para transformar seus *habitats*. (CORRÊA, 2007, p.31)

Inicialmente a Geografia Cultural apresentava uma abordagem tradicional difundida por Carl Sauer na Escola de Berkeley nos Estados Unidos e também com forte presença na Europa, sendo esta mais historicista (Corrêa, 2007). Somente a partir de 1970 a geografia cultural ganha novos contornos, se apresentando como propõe Claval (2001) inicialmente ela transforma a abordagem global da geografia humana descritiva, e vai na direção de interrogar os sujeitos sobre a experiência daquilo que os envolve, sobre o sentido que dão a sua existência e sobre a maneira pela qual modelam as paisagens, afirmando sua personalidade, suas convicções e experiências. Portanto, como afirma Corrêa (2007), a geografia cultural é, em primeiro lugar e sempre geográfica.

Como discute Castro (2012) a Geografia Cultural permite leitura nas escalas global, nacional, regional e local. A geografia na escola caminha no sentido de realizar uma análise do espaço geográfico em suas variadas escalas, porque os povos do planeta apresentam diversas maneiras de organizarem seus espaços de trabalho, lazer, moradia, evidenciando assim grande diversidade cultural em escala macro.

As formas como os diversos povos se organizam culturalmente devem ser consideradas para compreensão dos diversos sistemas de ações e objetos que se desenham no mundo, por

Ensino em Foco, Salvador, v. 2, n. 5, p. 46-60, set. 2019.

seguinte, produzem paisagens diversas, cheias de significados. Como supõe Castro (2012), esses arranjos socioespaciais e culturais devem ser analisados mediante uma abordagem relativizadora, em que nos espaços educacionais possam se desenvolver a reflexão das práticas sociais e culturais da atualidade, como músicas, documentários, reportagens, filmes, *internet*, bem como investidas no cotidiano dos sujeitos sociais.

Estas possibilidades de abordagens partem da proposta de desenvolvimento da educação geográfica, trazendo para sala de aula o cotidiano dos alunos através da contextualização de conteúdo, aproximando o material descrito em livros didáticos aos contextos sociais vivenciados pelos discentes, proporcionando assim que o aluno sinta-se parte viva e fundamental nos processos de transformações socioespaciais. Contudo, é salutar o cuidado no emprego do conceito de lugar como mera possibilidade de estudar o que está próximo do aluno.

Por vezes é usado como um recorte espacial de onde devem ter início as aprendizagens, sempre partindo do lugar e avançando nas demais dimensões espaciais dos recortes espaciais possíveis. Essa proposição demonstra uma forma de interpretação em que o perto deve ser o que direciona o desencadear do estudo. Corre-se o risco de supor assim, que os espaços são sequenciais e lineares, o que impede a compreensão da complexidade da espacialidade dos fenômenos e da construção do espaço; inclusive, reafirma-se a noção de espaço absoluto, como o lugar em si e por si só. (CALLAI, 2011, p. 33).

Callai deixa claro que estudar o lugar não pode e nem deve se limitar apenas ao que está próximo, mas que a partir dele seja possível a compreensão de outras dimensões espaciais ao passo que, se perceba as relações intrínsecas de influências entre o local e o global (SANTOS, 2005), considerando, ao olhar de Moreira (2015), o primeiro como “[...]fragmento do espaço geográfico, repleto de sentimentos, experiências e sob olhares únicos”. Investir no estudo do lugar, pode se apresentar como um grande desafio, pois para além do estudo e investigação, representa também um transbordo e uma transgressão às grades curriculares, mas privilegiará o conhecimento de mundo e as possibilidades de contexto aos conteúdos previstos.

Para o professor, um dos grandes desafios iniciais está representado em se desprender do livro didático, pois

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido. (MORAN, 2000, p.23)

Em outras palavras, a contextualização com e a partir do lugar, contribuem para que os alunos se interessem pelos fatos e fenômenos discutidos em sala de aula, e possivelmente, presente em sua rua, bairro ou cidade. Discussões, aparentemente soltas ou distantes do mundo discente, passam a ser referenciado a partir das questões do lugar, o que neste sentido, Callai (2011, p.17), nos diz que, o trabalho com o lugar, oportuniza discussões numa análise sócio-geográfica mais próxima, o que gera interesse e maiores compreensões sobre questões que vão do lugar ao mundo, ou do mundo para o lugar. Por este viés de

Ensino em Foco, Salvador, v. 2, n. 5, p. 46-60, set. 2019.

contextualização, surge a possibilidade de trabalho com as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, que potencializam a utilização de músicas, vídeo ou documentários em sala de aula, inovando a prática pedagógica, e mesmo tempo, em que renova o desejo de aprendizagem por vias de outras técnicas.

A estratégia, de forma instituinte, vislumbra reflexões coletivas ou individuais da turma, a partir das proposições trazidas pelo material apresentado, sempre contextualizando ao espaço de vivência do aluno, bem como visa também, ressignificar conteúdos e entrelaçar conhecimentos prévios vividos ou percebidos no lugar comum de cada estudante.

4. O LUGAR EM OUTRAS ABORDAGENS

Uma das possibilidades de levar a discussão do lugar para sala de aula na educação básica perpassa pelo aproveitamento da predisposição ao prazer pela música, presente na maioria dos jovens. Por este viés, buscou-se reunir a música e vídeos clipes musicais, com alguns conteúdos programados para a disciplina de Geografia. Para além destes recursos, foram utilizados documentários e também, atividades extraclasse, com o mesmo propósito de perceber situações locais-globais, comuns em seus cotidianos.

As ações foram realizadas com turmas do Ensino Médio Integrado do IFBA – Campus Valença, com o objetivo suscitar uma discussão de temas em um formato dinâmico e descontraído, possibilitando outro olhar para disciplina, estando agora, mais próxima e correlacionada aos espaços de vivência.

O lugar e questões sociais na música

Explorando recursos atrelados em letras da música popular do Brasil, em seus diferentes gêneros, consegue-se a desordem aulas convencionais, ao passo que estimula o interesse, pois quando estas são de grupos musicais ou cantores conhecidos do público jovem, a recepção e curiosidade sobre a abordagem é maior. Ao analisarem as letras, o grupo percebe aspectos ou situações descritas nas aulas, e começam a correlacioná-las a situações do seu lugar.

Daqui do morro dá pra ver tão legal
O que acontece aí no seu litoral
Nós gostamos de tudo, nós queremos é mais
Do alto da cidade até a beira do cais
Mais do que um bom bronzado
Nós queremos estar do seu lado

(...)

Mistura sua laia
Ou foge da raia
Sai da tocaia
Pula na baia
Agora nós vamos invadir sua praia

Em análise da letra da música *Nós Vamos Invadir sua Praia*, canção de 1985 do grupo Ultrage a Rigor, apresenta uma irreverente disputa de espaço, no caso a praia, por classes sociais distintas. Pode-se aqui fazer uma discussão acerca dos espaços ocupados na cidade, a partir da localização dos bairros e as classes sociais, levando em consideração o poder aquisitivo, estilos de moradias, saneamento básico, e até áreas públicas de lazer.

Lugares de tamanha discrepância na cidade podem ser analisados sob outra ótica a partir de outra canção, também lançada em 1985, mas que se mostra atual, dada as condições de muitas famílias urbanas:

Nos barracos da cidade	E o governador promete,
Ninguém mais tem ilusão	Mas o sistema diz não
No poder da autoridade	Os lucros são muito grandes,
De tomar a decisão	Grandes... ie, ie
E o poder da autoridade, se pode, não faz questão	E ninguém quer abrir mão, não
Mas se faz questão, não	Mesmo uma pequena parte
Consegue	Já seria a solução
Enfrentar o tubarão	Mas a usura dessa gente
	Já virou um aleijão

Ôôô , ôô
Gente estúpida
Ôôô , ôô
Gente hipócrita

Na música *Nos Barracos da Cidade*, do cantor e compositor Gilberto Gil em parceria com Liminha, fica evidenciada a discussão sobre as condições de moradia, a situação de vida das classes em vulnerabilidade social, e a relação de dependência pelo Governo em suas diferentes instâncias. Visto que, cabe a este último, a responsabilidade pelo bem estar social, e que segundo a letra, se deixa levar por questões dúbias. Tais observações deixam clara a sensação de desconfiança em muitos políticos e a descrença nas propostas de soluções que são apresentadas, principalmente durante campanhas eleitorais.

Nesta perspectiva, podemos citar a situação da política brasileira e os escândalos que envolveram líderes políticos a partir dos anos de 2015, os reflexos na economia e o impacto gerado sobre as classes menos favorecidas, refletido na perda de empregos.

Vejamos a outra proposta:

Nas grandes cidades, no pequeno dia a dia
O medo nos leva a tudo, sobretudo à fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
(...)

Nas grandes cidades de um país tão irreal
Os muros e as grades
Nos protegem de nosso próprio mal

Com o grupo Engenheiros do Hawaii, o fator que sobressai é a questão da falsa ilusão de segurança, descritas pela presença dos *Muros e Grades*, que dão o nome da canção, composta por Humberto Gessinger e Augusto Licks em 1993. Nesta análise os alunos externaram situações observadas nas ruas em que residem, apresentando questões

Ensino em Foco, Salvador, v. 2, n. 5, p. 46-60, set. 2019.

comparativas entre os aspectos de seus espaços de vivência e trechos da canção, contextualizando o próprio isolamento que muitos vizinhos se impõem, criando um mundo particular, repleto de insegurança e medo. Tal situação é comum em várias cidades, em qualquer lugar do país, sobretudo, nos bairros periféricos, onde a cultura de levantar muros, colocar grades e até cercas elétricas, parecem afagar o estado de impotência frente à situação de segurança pública.

Olá, como vai ?
Eu vou indo e você, tudo bem ?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você ?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe ...
Quanto tempo... pois é...
Quanto tempo...

Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona ?
Precisamos nos ver por aí

Já nesta parte da canção *Sinal Fechado*, do compositor Paulinho da Viola, lançada por Chico Buarque em 1974, reflete quase que fielmente, 40 anos depois, os dias corridos, apressados, vividos pela sociedade, em especial, para aquelas que vivem nos centros urbanos. A vida cotidiana, emaranhada pelas demandas de trabalho, mas, principalmente, consumida ou demasiadamente seduzida pelas novas tecnologias, individualizaram e reduziram a vida social aos dispositivos eletrônicos e às redes sociais. Os alunos durante a discussão dessa canção apontaram a cidade e suas facetas tecnológicas, produzidas pelo próprio desenvolvimento industrial, como responsáveis pela vida corrida, sempre em busca de mais conforto, mais dinheiro, mais trabalho, o simplesmente, pelo desejo de possuir, limitando assim, o tempo livre de ser e estar ao lado de pessoas reais.

O lugar nos vídeos clipes

Outro recurso que pode ser trabalhado nas aulas de geografia para discussão do lugar, são alguns vídeos clipes musicais. Estes, para além das letras, podem ser analisadas as imagens que contextualizam a temática abordada.



Imagens A : Trecho do vídeo clipe oficial da música O Salto

Fonte: Disponível no site <https://www.youtube.com/watch?v=NRcL5QIYoEQ>, acessado em 17/09/2017



Imagens B : Trecho do vídeo clipe oficial da música O Salto

Fonte: Disponível no site <https://www.youtube.com/watch?v=NRcL5QIYoEQ>, acessado em 17/09/2017

Para o vídeo clipe em questão, os alunos foram provocados a refletir sobre a vida de um pai de família, em meio ao anúncio de dias melhores para economia nacional, viu sua vida mudar drasticamente. O cenário do clipe da música *O Salto*, do grupo O Rappa, lançado em 2003, mostra o Brasil dos anos 1990, mas pode facilmente ser transportado para os dias atuais, onde levamos em consideração as dificuldades enfrentadas por pessoas com faixa etária acima de 50 anos, com pouca qualificação profissional e que ficam desempregadas. Várias situações podem ser somadas ao enredo apresentado, como a instabilidade econômica do momento, a implantação do Plano Real, o processo migratório ou as condições de moradia em áreas favelares.

Seguimos com outra opção de trabalho com vídeo:

C



Imagem C: Trecho da animação *Man* (Homem Consumista)

Fonte: Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5XqfNmML_V4

Na animação intitulada como *Man*, de criação do ilustrador londrino Steve Cutts, popularizada nas redes sociais brasileiras como Homem Consumista, os alunos são orientados para uma discussão acerca dos impactos do processo de industrialização, a partir do esgotamento das matérias-primas e o alto desejo de consumo. Neste viés os alunos apontam os impactos das instalações industriais na cidade, como a criação de um bairro no início do século XX, para abrigar seus operários, as problemáticas que acompanham o desenvolvimento e consumo, além do perigo presente na geração de lixo sem tratamento adequado.

A discussão sobre as indústrias aliada a animação exibida, possibilita abordagens sobre as transformações do espaço a partir do lugar, gerando um leque de subtemas para além do processo de produção ou geração de emprego. Ela envolve as modernas relações de trabalho, os modelos de produção e vias de escoamento, além de efeitos colaterais com a substituição da mão-de-obra por máquinas ou pessoas mais qualificadas, gerando o aumento de desemprego, os subempregos e a situação de endividamento familiar.

Vale destacar que nas propostas apresentadas, as situações temáticas foram facilmente contextualizadas pelos alunos, que trouxeram para sala de aula exemplos de seu cotidiano representado por ruas, bairros, espaços públicos, bem como, levantando questões sobretudo, do papel do Estado e suas ações para garantir o desenvolvimento social. A explicação pode estar, não apenas nas propostas, mas em processos internos de cada aluno, os quais motivam o aprendizado de novos conhecimentos e suas proximidades ao cotidiano.

As proposições de abordagens exemplificadas acima, ao serem consideradas por professores e alunos, possibilitam o (re)encantamento pelas disciplinas, mas sobretudo, percepção intrínseca entre a vida cotidiana, aproximando o lugar vivido com o conteúdo, por vezes, engessados nos livros. As ações de contextualização do lugar próximo ou em outras escalas, desperta o sentimento de pertença sobre o lugar, aflora aspectos de subjetividade, criatividade e criticidade dos alunos, ao passo que possibilita que eles se sintam parte ativa e responsável pelas transformações socioespaciais de seus espaços de vivência.

A construção e reconstrução do conhecimento geográfico pelo aluno ocorrem na escola, mas também fora dela [...] Entretanto, a ampliação desses conhecimentos, a ultrapassagem dos limites do senso comum, o confronto de diferentes tipos de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades operativas do pensamento abstrato, são processos que podem ser potencializados com práticas intencionais de intervenção pedagógica. (CAVALCANTI, 2011, p.12)

Segundo a autora, as ações intervencionistas do professor estimulam o aprendizado fora dos limites físicos da escola, possibilita outros saberes aos seus alunos, sobretudo, quando estes se referem ao processo de (re)conhecimento do seu lugar. Reflexões sobre desenvolvimento local, infraestrutura urbana, crescimento demográfico, setores econômicos, questões ambientais, ou até o desenvolvimento tecnológico e o conseqüente desemprego, criam inúmeras vertentes discursivas na classe, onde o principal conteúdo é o vivido na sociedade,

no bairro ou na família. Os resultados dessas propostas redimensionam o pensamento abstrato sobre as temáticas e culminam no processo de experienciar o lugar.

5. PARA (NÃO) CONCLUIR.

O convite que surge é por um ensino de geografia que cativa, encante e cause êxtase e fascínio. Nada mais. Sim, o que se propõe a partir das reflexões tecidas neste artigo é que o ensino de geografia na educação básica precisa ganhar significado e permitir que os sujeitos sociais se signifiquem em seu lugar- mundo. A abordagem cultural na educação básica permite que os sujeitos sociais percebem que os sistemas técnicos que são impressos nas paisagens falam das pessoas que a todos instante imprimem seus sonhos, anseios e projetos na paisagem, ou seja, um sistema de ações, que é refletido no espaço geográfico.

Quando afirmamos ser possível experimentar uma geografia viva e intensa, mediante a abordagem cultural, estar se querendo evidenciar os lugares em que as pessoas se constroem, se experimentam, onde os meninos e as meninas se identificam, e se formam a partir dos diversos sistemas técnicos que constroem espaços diversos, verdadeiros mosaicos paisagísticos. Assim, os estudos sobre o lugar consistem numa forma de se compreender o espaço geográfico, e percebê-lo como vivo e cheio de significado, para além da racionalidade técnica descritiva.

Ao se observar e analisar no ambiente da escola o cotidiano desses jovens, as músicas e demais manifestações artísticas, culturais e tecnológicas que envolvem esses sujeitos, o ensino da Geografia consegue sair do livro didático e torna-se vida e vivida pelos estudantes. Isso só é possível a partir do momento em que o espaço geográfico sai do estranhamento e do distante para torna-se íntimo e próximo a realidade daqueles jovens. Portanto, o desconhecimento da abordagem cultural acaba levando muitos professores a não utilizarem desse referencial de análise do espaço enquanto prática pedagógica, e assim não utilizarem desta forma de análise e leitura dos lugares na educação básica. A presença de canções ou vídeos atrelados as discussões de forma contextualizada, traz o conteúdo distante para um limiar mais próximo da classe estudantil, através de uma abordagem metodológica que permite a reflexão sobre questões socioespaciais de modo descontraído.

Contudo, ressaltamos que é necessário que se tenha consciência da prática pedagógica, a qual será submetida os alunos, visto que essa se manifesta enquanto ação política, que pode encaminhá-los para o desvelamento das ideologias que se descrevem nas paisagens e se manifestam nos lugares, ou podem encaminhar esses indivíduos para a passividade e alienação em que serão imersos numa ciência estática, irreal e sem vida. A leitura cultural nos espaços educacionais, subsidiado pela abordagem social, econômica e política consiste numa excelente alternativa para a educação geográfica e a cidadania.

REFERÊNCIAS

Ensino em Foco, Salvador, v. 2, n. 5, p. 46-60, set. 2019.

CALLAI, H. C. **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Injuí, 2011.

_____. A geografia é ensinada nas séries iniciais? Ou: aprende-se geografia nas séries iniciais. In: TONINI et al. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Novos caminhos da Geografia**. (org) São Paulo: Contexto, 2002.

CASTRO. Jânio R. Barros. A geografia cultural nos espaços educacionais: uma abordagem propositiva. In: PORTUGAL, Jussara; CHAIGAR, Vânia A. Martins (orgs). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia**. 1º ed. Curitiba, Paraná: CRV, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2011

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: **Matrizes da Geografia Cultural**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z (org) Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeni (orgs). **Introdução à geografia cultural**. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CUTSS, Steve. Man. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RbpL5xGCXx8>, com acesso em 26 de julho 2017.

GESSINGER, H.; LICKS, A. **Muros e grades**. In: **HAWAII, ENGENHEIROS DO. Filmes de guerra, canções de amor**. BMG, 1993. CD. LP, VHS, DVD

GIL, Gilberto; Liminha. Nos barracos da cidade. In: **GIL, GILBERTO. Dia dorim, noite neon**. WEA, 1985. CD. LP, K7

MORAN, José Manuel. MASETTO, M. T. BERHERENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MOREIRA, Roger Rocha. Nós vamos invadir sua praia. In: **RIGOR, ULTRAJE A. Nós Vamos Invadir Sua Praia**. WEA, 1985. 1 CD. LP

MOREIRA, R.P.S. **O lugar da pesquisa na educação geográfica: relatos de experiências dos alunos do ensino médio IFBA – Campus Valença**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2015, 110p.

OLIVEIRA, L. de. **O sentido do lugar**. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; WERTHERHOLZER, L. de O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16

PIRES, Claudia M. de S. **Paisagem e lugar no contexto da turistificação de Guaibim - Valença, Ba: uma leitura a partir das políticas públicas e da comunidade local**. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional). Santo Antônio de Jesus: universidade do Estado da Bahia. 2010.

POMBO, P; FALCÃO, M; FARIAS, L; LOBATO, M.; XANDÃO. **O Salto**. In: RAPP, O. **O Silêncio que precede o esporro**. Wanner Music, 1994. CD. Vídeo clip oficial disponível no site <https://www.youtube.com/watch?v=NRcL5QIYoEQ>, acesso em 25 de julho de 2017.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3º ed. São Paulo: Ed Hucitec. 1997.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VIOLA, P. **Sinal Fechado**. In: **BUARQUE, CHICO. Sinal fechado**. Philips, 1974. LP